

NOTÍCIAS

NOVA TEORIA EXPLICA COMO SURTIU A VIDA

Sob este título, o prestigioso órgão da imprensa paulista, "O Estado de São Paulo", publicou em 23 de janeiro de 1974 uma notícia a respeito da reunião realizada no Museu de Arte, em Los Angeles, com a participação de cientistas e jornalistas especializados, para debater as novas teorias a respeito da presença humana em nosso planeta. De conformidade com o articulista, Asef Kfoury, foi objeto de maior debate a teoria da "pan-espermia".

Após mencionar a opinião de astrônomos e outros cientistas, a respeito da possibilidade de vida em algum outro lugar do Universo, o articulista apresenta a opinião de um cientista participante dos debates, de que a impressionante semelhança entre a informação geneticamente codificada nas moléculas de DNA dos seres vivos leva à interpretação tradicional de que tais características equívalem à vida, e sem elas não pode haver vida.

Continua o articulista dizendo que o cientista Leslie E. Orgel, do Instituto Salk, disse ter ficado insatisfeito com as atuais teorias de que todas as criaturas vivas derivam de precursores da vida surgidos na ebuliente atmosfera dos primórdios da Terra. Se este foi o caso, por que não encontramos criaturas com diversos códigos genéticos? Agora Orgel, em colaboração com Francis H. C. Crick - que partilhou o prêmio Nobel com James D. Watson por terem ambos elucidado a arquitetura da molécula de DNA - surgiu com uma nova teoria: a "pan-espermia dirigida".

Segundo a primeira teoria de pan-espermia, apresentada em 1908 pelo químico sueco Svante Arrhenius, a Terra foi inadvertidamente semeada por células vivas que vagavam ao acaso pelo cosmos. Mas Orgel e Crick não vêem nenhuma razão pela qual a sementeira não pudesse ter sido deliberada. Alguma civilização tecnologicamente avançada pode ter "infetado" a Terra talvez como experiência. " *Isto explicaria por que temos apenas um código genético*", disse Orgel.

Se seres adiantados realmente habitam algum lugar no espaço, e são capazes de nos alcançar, então por que não os vemos ou ouvimos, além de outros meios que não estes fugidios e controvertidos "discos voadores"? A questão tem sido colocada nos últimos anos, foi levantada durante os debates no museu de Arte e diversas respostas surgiram. Uma delas sugeriu que a única explicação razoável para esta falta de comunicações é que "eles" estariam deliberadamente nos evitando. Mas por que?

Na terra, temos os zoológicos, os viveiros, as reservas indígenas. Colocamos criaturas - animais e seres humanos - em circunstâncias isoladas ou em seus "habitats naturais" a fim de preservá-los ou estudá-los. Um cientista presente, John A. Ball, especulou que nós, seres humanos cheios de presunção e basófia, podemos não ser muito mais do que meras criaturas em observação.

Após varias manifestações outras, o articulista apresenta a intervenção de um espectador dos debates, que, levantando-se disse: "*Como leitor desde pequeno do Livro do Gênesis, não me surpreendo com a idéia de que alguém nos tenha colocado aqui. E se tal ser mágico, misterioso e poderoso existe, ele está muito além da imaginação do homem. Você pode me dar alguma boa razão pela qual eu não deva chamá-lo de Deus?*"

Realmente, teorias e mais teorias, cada vez mais complexas, surgem e desaparecem tentando eliminar e substituir o texto que diz que "no princípio criou Deus". Embora negando a origem divina da vida, tais teorias acabam sendo compelidas a admitir, mesmo a contragosto que "vida provém de vida". Por outro lado, diante simultaneamente da complexidade e da "impressionante semelhança" genética dos seres vivos, não encontram outra solução a não ser apelar para a "semeadura da vida" "deliberadamente" feita por "alguma civilização tecnologicamente avançada".

A observação do espectador que assistia aos debates foi bastante oportuna, não sendo mesmo possível ser-lhe dada em resposta nenhuma boa razão!

ARTEFATOS OU GEOFATOS?

Sob o título acima a revista "SCIENCE", editada pela *American Society for the Advancement of Science*, publica carta dirigida ao seu editor por Frederic Brewer, do Departamento de Rádio e Televisão da Universidade de Indiana, referente a artigo previamente publicado na mesma revista por Vance Haynes (SCIENCE, 27 de julho, página 305). Por ser deveras interessante essa carta, a Folha Criacionista decidiu publicar a sua tradução a seguir:

"Charles Dawson, supostamente arquiteto de uma das maiores fraudes científicas - o homem de Piltdown - realizou no início deste século uma experiência simples que poderia ser usada em apoio de uma das facetas da argumentação defendida por Vance Haynes (27 de julho, p. 305) sobre a origem das pedras lascadas encontradas em Calico.

Dawson, advogado, pertencia a uma sociedade local de cientistas e paleontologistas amadores em Lewes, East Sussex, Inglaterra. Mantinha êle com insistência desagradável que os artefatos de pedra expostos com orgulho pelos colegas da Sociedade poderiam ter sido resultado de transformações geológicas. Certo dia, Dawson chegou a uma reunião da sociedade com uma sacola cheia de pedras. Colocou-a sobre o chão e começou então a pular sobre ela, reduzindo as pedras a fragmentos. Rapidamente removeu ele as pedras e, com um sorriso triunfante no rosto, mostrou-as aos seus colegas incrédulos. Muitas das pedras recém partidas assemelhavam-se exatamente às chamadas ferramentas manuais.

Após isso Dawson afastou-se da Sociedade. Poucos anos depois, em 1912, fez ele uma interessante descoberta que o tornou famoso - os fragmentos de crânio e de mandíbula do homem de Piltdown.

É curioso, e animador, observar que K. P. Oakley - mencionado no artigo de Haynes como tendo examinado os espécimes de Calico - desmascarou o espúrio Eoanthropus dawsoni usando uma técnica de datação com flúor, em 1949.

PALEONTOLOGIA - A ESPECIALIDADE DAS CONJETURAS

Tentando justificar as reconstruções efetuadas pelos paleontologistas, o artigo com o título acima, publicado em "O Estado de São Paulo", de 18 de novembro de 1973, aborda interessantes aspectos que, longe de desfazerem as dúvidas quanto à precisão de tais

reconstruções, aumentam a desconfiança com que devem ser encarados os desenhos artísticos que freqüentemente surgem como descrição científica de achados fósseis.

Em artigos relacionados com a divulgação científica, aparecem de vez em quando desenhos artísticos batizados de "reconstruções", de animais ou plantas pré-históricos. Apesar de despertarem a curiosidade, não deixam de inocular alguma dúvida na mente do leitor, já que a maioria das visões da vida pré-histórica que estão ao alcance do homem moderno baseiam-se somente em ossos de animais e algumas formas petrificadas da madeira dos vegetais que povoaram o mundo no tempo geológico. Como os paleontólogos profissionais encarregados de estudar essas amostras de vida do passado, chegam a tais "reconstruções"?

O trabalho que o paleontólogo efetua para reconstruir imagens de organismos já extintos, a partir de seus restos fossilizados, requer muita imaginação.

Exame de um fóssil

O que é que se estuda num fóssil, quando se pretende reconstruí-lo? Antes de mais nada, o principal é o conjunto de relações entre as estruturas e sua função. Quando se examina um crânio, quase sempre pode-se descrevê-lo como uma caixa feita de ossos unidos, com orifícios que comunicam seu interior com o exterior. A seguir, começa-se a especular para que servem esses orifícios.

Observamos por exemplo, as órbitas dos olhos: qual a sua separação? Podemos afirmar com absoluta certeza que apontam para a frente ou para os lados? A resposta a essas questões pode informar se o animal ao qual o crânio pertencia, podia enfocar ambos os olhos para obter uma visão tridimensional do mundo, essencial para calcular distâncias e um requisito indispensável para o salto de um ramo para outro, como é o caso do esquilo e do macaco, ou ainda, para iludir a presa e cair sobre ela sem falhar o golpe, como é o caso do gato e do puma. Se o animal em questão tem as órbitas suficientemente separadas para supormos que cada olho contemplaria uma cena diferente, então não seria capaz de dar saltos com precisão e, em vez disso, estaria mais capacitado para correr. É o que se pode observar num crânio de cavalo.

Conjecturas

Naturalmente, tudo isso não passa de conjecturas e a única maneira de se conseguir uma verificação, é examinar as partes restantes do esqueleto. No exemplo apresentado, a identificação do animal estudado, como um saltador arborícola, ou um caçador a espreita, será confirmada pela forma de suas patas, por exemplo, em cuja estrutura observaremos se se trata de apêndices acondicionados para agarrar a presa no galho de uma árvore, ou de garras cuja função é dar um golpe decisivo no primeiro impacto, como no salto de um tigre.

Da mesma forma, por meio do exame dos dentes, podemos distinguir um caçador furtivo, como o gato, de outro que se vale da velocidade para perseguir e agarrar a presa em fuga, como o cachorro.

Os dentes, depois de terem sido usados por algum tempo, são uma boa fonte de informação para o paleontólogo, sobre dieta do animal.

Exame minucioso

Qualquer pessoa observando sumariamente o esqueleto de um dos antepassados do elefante, afirmaria com segurança tratar -se de uma fera sanguinária. Contudo, o exame da dentadura revela poucas peças dentais, dentes com ausência de corte e, sobretudo, o desgaste provocado pelo atrito de uns molares contra os outros, indicando que era um herbívoro.

Uma outra investigação: o animal teria um palato, isto é, uma parede óssea separando o sistema respiratório do mastigatório? Se a resposta for afirmativa, então não resta dúvida de que se trata do crânio de um mamífero, pois, com pouquíssimas exceções, as fossas nasais, como é o caso das fauces de um réptil, se abrem para uma cavidade separada. A suposição de que se trata de um mamífero poderá ser confirmada com a observação do ouvido, cuja estrutura óssea é característica.

Anatomia comparada

Estudamos apenas as partes principais do método seguido, para se obter uma idéia da aparência de um organismo, partindo apenas de um resto fóssil. É fácil de se perceber que essa ciência, convenientemente desenvolvida, tem imensas possibilidades. Chama-se anatomia comparada e começou a se desenvolver antes da revolução feita pelo francês barão de Cuvier.

Por meio dessa ciência, são estudadas as funções para as quais uma estrutura pode se adaptar nos seres vivos atuais, e a seguir, o paleontólogo elabora um esquema no qual todas as estruturas fósseis são analisadas em relação à aparência que mais se acomoda quanto à utilidade e ao aspecto, à que teriam no organismo vivo.

Esse é o trabalho de reconstrução, na verdade, uma difícil tarefa.

E agora que vocês podem compreendê-la, não terão tantas dúvidas quando olharem uma "reconstrução artística"

·
A tarefa é realmente difícil, e exige do pesquisador, evidentemente, além de sólidos conhecimentos de Anatomia Comparada, a posse de restos fósseis do mesmo indivíduo, em quantidade suficiente para permitir um mínimo de precisão na reconstrução. Sabidamente, entretanto, não é o que acontece em muitas das reconstituições que têm sido tentadas a partir de restos fósseis dos chamados hominídeos, como já tem sido ressaltado em diversos artigos publicados por esta Folha.

Não deve ser esquecido que, mesmo sendo possível uma reconstrução razoavelmente precisa, resta ainda a interpretação do resultado obtido. Nessa interpretação desempenha importante papel o ponto de vista previamente assumido pelo pesquisador quanto à filosofia das origens, o que pode levar a diferentes e contraditórias conclusões.

Continua sendo, portanto, a Paleontologia a "especialidade das conjeturas", como muito apropriadamente foi designada no título do artigo.



Fotografia da devastação da floresta ocasionada pelo meteorito que atingiu a região próxima do rio Tunguska, em 1908

O MISTÉRIO DE TUNGUSKA

(Esta Nota foi acrescentada à primeira edição deste número da Folha Criacionista)

O famoso divulgador científico Isaac Asimov, já falecido, deixou uma breve consideração a respeito de *Um mistério de 80 anos na Sibéria*, em artigo publicado no jornal "O Estado de S. Paulo" de 29 de novembro de 1987, em sua secção Ciência, do qual são transcritos alguns trechos a seguir.

Em junho de 1908, os céus da Sibéria central, perto do rio Tunguska, iluminaram-se e houve uma terrível rajada de vento. Centenas de metros quadrados de florestas foram eliminados, não sobrando sequer uma árvore em pé. Até mesmo um grupo de renas foi dizimado. Embora o incidente tenha ocorrido há 80 anos, os cientistas ainda estão intrigados com o fato e continuam pesquisando a área para descobrir novas evidências.

Felizmente não havia pessoas naquela região desolada quando ocorreu a explosão. Mas um homem que estava em um posto comercial a cerca de 80 quilômetros do local do incidente foi arrancado de sua cadeira pela força do vento, e outros observadores distantes viram, ouviram, e sentiram os efeitos.

Demorou muito tempo para que os cientistas conseguissem chegar a esse local inacessível, uma vez que o início da Primeira Guerra, seguido dos anos da

revolução e guerra civil na Rússia, atrapalharam as pesquisas. Por isso, apenas na década de 20 os pesquisadores chegaram à área.

Foi então que o verdadeiro mistério começou. A suposição geral era de que um grande meteorito – pesando entre cem mil e milhões de toneladas – havia atingido a Sibéria. Deveria ter sido um pedaço de rocha ou de ferro de aproximadamente 80 metros de largura. Em qualquer das hipóteses, como o objeto atingiu a Terra à velocidade aproximada de 30 quilômetros por segundo, poderia ter provocado o estrago de uma grande bomba de hidrogênio (sem as conseqüências da radioatividade, é claro).

Tal impacto poderia ter produzido uma grande cratera e talvez deixado o meteorito enterrado na Terra ou espalhado pela região pedaços de ferro ou de rochas. Pesquisadores encontraram a área exata em que houve o impacto, na qual as árvores foram arrancadas, mas não havia nenhuma cratera ou pedaços de meteoritos.

A única conclusão razoável era supor que a explosão não havia ocorrido no chão, mas no ar, talvez a dez quilômetros da superfície. O objeto jamais teria alcançado o solo, espalhando-se simplesmente através da atmosfera. Na verdade, a explosão teria produzido ondas na atmosfera que foram detectadas em toda a parte do mundo. Mas essa seria uma maneira estranha de um meteoro reagir. Pedra ou metal não explodiriam no ar desse modo.

Mas, e se esse não fosse um meteorito comum? Poderia ter sido um pequeno cometa, de cerca de 90 metros de largura, ou fragmento de um cometa grande. Um cometa é composto basicamente de materiais gelados, principalmente de água congelada. Conforme ele atavessa a atmosfera, a resistência do ar pode aumentar a sua temperatura. Rocha ou metal podem apresentar um brilho e se poderia ver uma "estrela cadente". O gelo, entretanto, poderia evaporar-se. Se o cometa se aquecesse suficientemente rápido, a súbita evaporação seria capaz de produzir uma grande explosão, destruindo cada parte do cometa que ainda não tivesse tido a chance de se evaporar. Os gases resultantes (principalmente vapor d'água) poderiam espalhar-se pela atmosfera. Nada atingiria o chão, exceto o vento forte, e poderia não haver cratera nem fragmentos.

Essa pareceu ser uma explicação completamente satisfatória. É claro que outras hipóteses sobre o incidente de Tunguska foram feitas .. mas não foram levadas a sério.

Não deixa de ser interessante a possibilidade de nosso planeta continuar a ser palco de eventos catastróficos, o que desafia frontalmente a hipótese do gradualismo ou uniformismo no âmbito da Geologia Histórica.

REVISÃO CRÍTICA DE BIBLIOGRAFIA EVOLUCIONISTA

BIOLOGIA - DAS MOLÉCULAS AO HOMEM (CONTINUAÇÃO)

O Capítulo Quarto do compêndio "Biologia - das moléculas ao homem" parte I, o chamado livro azul da *Biological Sciences Curriculum Study*, aborda a "Origem dos Seres Vivos".

Logo de início é apresentada a hipótese da geração espontânea proposta por Aristóteles há mais de dois mil anos para explicar a origem da vida. É mostrado, em seguida, que a crença na geração espontânea continuou por muitos anos depois de Aristóteles, até ser posta em dúvida e finalmente derrubada por Redi, Spallanzani e Pasteur.

Várias observações merecem ser feitas a este capítulo. Inicialmente, deve ser destacada a afirmação de que a crença na geração espontânea "... se encontra, num certo sentido, estreitamente relacionada com importante pesquisa que está sendo levada a efeito no momento. Trata-se da pesquisa sobre síntese de proteínas, ou, em última análise, da construção da molécula viva". Essa afirmação mostra que a idéia da geração espontânea, pelo menos no que diz respeito à origem dos seres vivos, ainda encontra abrigo no seio da moldura evolucionista, a qual evidentemente necessita e exige explicações desse tipo.

Continuando, após a apresentação da famosa receita de van Helmont para produzir camundongos a partir de uma camisa suja colocada em contato com germe de trigo, é feita a pergunta "Como devemos considerar tais crenças atualmente?" E explica-se então que "os relatos de gerações espontâneas feitos acima são relatos de conclusões, não de fatos. Essas conclusões eram baseadas em observações diretas e na suposição de que a geração espontânea fosse possível".

Esta última explicação ajuda a compreender o que se passa hoje em dia com a teoria da evolução - os relatos que são apresentados com referência ao registro fóssil, por exemplo, são relatos de conclusões e não de fatos! Exemplificando com a árvore genealógica do *Homo sapiens*, pode-se também dizer que a conclusão tirada pelos evolucionistas através da mesma é baseada em observações diretas e, principal e essencialmente, na suposição de que a evolução orgânica tenha sido possível.

Comentando os trabalhos de van Helmont é dito, ainda, que os mesmos "fornecem, aos cientistas modernos, duas lições: primeira, o cientista deve se empenhar em conhecer e controlar todas as variáveis (fatores que podem afetar o resultado) de uma experiência; segunda, um cientista, deve estar sempre consciente de que suas suposições influenciam a maneira pela qual vê e interpreta os fatos". Ambas as lições são realmente de grande importância para os modernos cientistas evolucionistas, que talvez com o decorrer do tempo consigam ainda aceitá-las, deixando de defender cegamente proposições sob a influência de seus próprios preconceitos. De fato, diz ainda o texto que "os cientistas de hoje continuamente testam suas hipóteses, verificando se podem ser válidas ou não, ao concatenar os fatos de que dispõem; eles revêem essas hipóteses, sempre que necessário, e tentam ainda desenvolver outras que permitirão melhor concatenação dos fatos".

Esta última afirmação indica que está sendo realmente necessária uma revisão das hipóteses básicas do evolucionismo, dentro desse prisma, visando-se ao desenvolvimento de novas alternativas, que melhor permitam a concatenação dos fatos. É exatamente este

trabalho que está sendo feito pelos cientistas criacionistas no mundo todo, e divulgado pela Folha Criacionista em nosso país.

Testar a hipótese foi exatamente o que fez Redi, conforme ressaltado no capítulo 4-3 do Compêndio, como se verifica na transcrição seguinte:

"O trecho seguinte foi retirado do trabalho de Redi, 'Experiências sobre a geração de insetos':

Embora me sinta feliz em ser corrigido por alguém mais sábio do que eu, caso faça afirmações errôneas, devo expressar minha convicção de que a Terra, depois de ter produzido as primeiras plantas e animais, por ordem do Supremo e Onipotente Criador, nunca mais produziu nenhum tipo de planta ou animal, quer perfeito ou imperfeito ..."

Analisando esse trecho, vemos que Redi não afirma um fato, mas apresenta claramente uma suposição básica: a vida não é gerada espontaneamente. Num outro trecho, no mesmo trabalho, ele apresenta as observações que fez e formula uma hipótese:

... E embora seja fato observado diariamente, que um número infinito de vermes é produzido em cadáveres e em vegetais em decomposição, eu me sinto tentado a acreditar que esses vermes são todos gerados por inseminação (reprodução sexuada) e que o material em putrefação, no qual são encontrados, não tem outra função senão servir de lugar para eles fazerem ninhos, onde depositam os ovos na época de reprodução e onde também encontram alimento ...

A hipótese apresentada por Redi, segundo a qual as moscas não haviam sido geradas espontaneamente na carne em putrefação, precisava ser testada, e ele mesmo declara isso na continuação do seu trabalho:

"O que eu pensava a respeito não teria valor se não pudesse ser confirmado pela experimentação."

É interessante observar a maneira pela qual se conclui no Compêndio o item referente às experiências de Redi:

"As experiências de Redi parecem favorecer a idéia de que a vida pode se originar somente de vida pré-existente. Essa idéia chama-se biogênese" (ênfase suprida).

É significativa também a afirmação seguinte, que reflete a força da tradição mesmo nos círculos científicos:

" Não se poderia esperar, no entanto, que uma única experiência, mesmo bem planejada e convincente, pudesse destruir uma idéia sustentada há séculos".

Continua então o compêndio apresentando os trabalhos de Needham, os quais vieram reforçar a idéia da origem da vida por abiogênese, e a reação de Spallanzani tanto atacando as suas experiências quanto sua teoria. São citadas as palavras de Spallanzani em defesa do método experimental:

"Em muitas cidades da Itália podem-se ver pessoas que se opõem à opinião de Needham, mas eu não acredito que nenhuma delas tenha pensado, ao menos, em examinar o caso experimentalmente".

Após mostrar como Spallanzani procedeu experimentalmente, conclui o Compêndio:

"As experiências de Spallanzani podem parecer convincentes para nós, mas Needham tinha a seu lado o peso da opinião pública que, em geral, só muda vagarosamente".

A situação de nossos dias com relação ao confronto entre as teorias da evolução e da criação espelha novamente "o peso da opinião pública" e a força da tradição.

O Compêndio mostra em seguida a queda inequívoca da teoria da geração espontânea com os trabalhos de Pasteur, afirmando então:

"Vimos como uma suposição foi substituída por outra devido a experiências convincentes".

E continua ainda tentando esclarecer melhor a posição da biogênese como uma suposição e não um fato:

"A teoria da biogênese foi uma generalização extremamente proveitosa para a Biologia, apoiada por fatos e experiências".

Seguindo semelhante linha de raciocínio não se pode, em sã consciência, dizer o mesmo acerca da teoria da evolução, pois a mesma não encontra apoio em fatos e experiências mas tão somente em suposições.

Finalmente, são ressaltadas no Compêndio duas importantes questões relacionadas com a aceitação da teoria da biogênese, a qual "está baseada na suposição de que é necessário um organismo vivo para produzir outro organismo vivo".

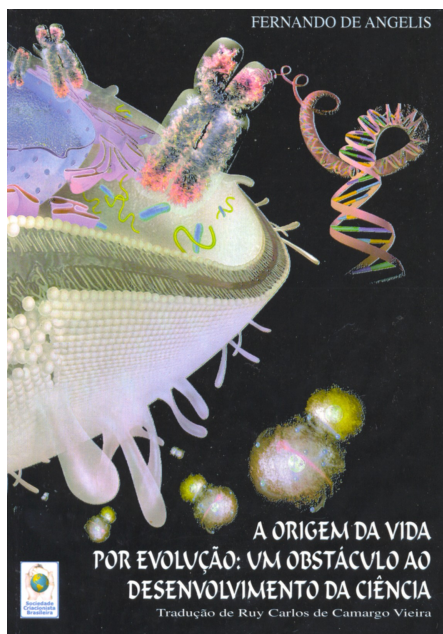
A primeira delas é: "Todos os seres vivos tem um ancestral comum? Se isto é certo, como surgiu a grande variedade de organismos?" E responde o Compêndio, referindo-se ao seu capítulo 3, que "uma resposta parcial a esta questão é encontrada na teoria da evolução. Lembre-se de que a suposição básica na teoria da evolução é que todos os seres vivos são descendentes modificados de vegetais e animais que viveram antes deles".

Vale lembrar que essa suposição jamais foi e jamais poderá ser comprovada experimentalmente, ou mesmo ser considerada como um fato. Nunca deixará de ser ela tão somente uma suposição!

A segunda questão levantada pelo Compêndio é: "Se é preciso vida para produzir vida, de onde apareceu a primeira vida?" E confessa o Compêndio: "A resposta que os cientistas deram a esta questão não foi tão bem formulada quanto aquela dada à primeira".

Realmente, o próprio Compêndio reconhece que é falha a formulação das próprias hipóteses necessárias para apoiar a tese evolucionista!

O estudante cristão deveria estar atento à leitura destes capítulos, lembrando-se de que a moldura evolucionista, na qual são apresentados pelo Compêndio os fatos biológicos, constitui apenas uma suposição, e nunca uma verdade comprovada experimentalmente. Do ponto de vista científico o criacionismo é tão defensável quanto o evolucionismo!



A ORIGEM DA VIDA (Nota Adicional à da página 23)

A primeira edição desta tradução do livro de Fernando De Angelis teve como título apenas "A Origem da Vida", em função da posição conciliadora assumida pela Editora UNISA, que desejou amenizar o impacto que seria produzido nos meios universitários.

Já nesta segunda edição, efetuada pela SCB, manteve-se o título original do livro, que incorporou o detalhe importante anteriormente retirado: "A Origem da Vida por Evolução: Um Obstáculo ao Desenvolvimento da Ciência".

Como se pode avaliar já pela revisão crítica apresentada referente ao capítulo "Origem dos Seres Vivos", do compêndio "Biologia – Das Moléculas ao Homem", realmente o dogma evolucionista tem constituído um enorme obstáculo para o desenvolvimento da ciência, e a manutenção do título original do livro de Fernando De Angelis é imprescindível para se chamar a atenção para este fato.

Felizmente, o paradigma evolucionista, por essa e outras razões, está ameaçado de morte, e estamos à beira de uma revolução científica como preconizado pelo filósofo da ciência Thomas Kuhn.

ESTATUTOS DA SOCIEDADE CRIACIONISTA BRASILEIRA

DENOMINAÇÃO E PROPÓSITO

Artigo 1º - O presente estatuto regerá a Sociedade ora organizada, denominada Sociedade Criacionista Brasileira.

Artigo 2º - A finalidade principal dessa Sociedade será a divulgação de evidências, resultantes de pesquisas, que apoiem a tese de que o mundo físico, incluindo as plantas, os animais e o homem, são o resultado de atos criativos diretos de um Deus pessoal.

Artigo 3º - A Sociedade divulgará também interpretações de literatura científica versando sobre o problema da origem do universo e da vida.

Artigo 4º - A Sociedade terá finalidades exclusivamente educacionais e científicas, não visando fins lucrativos.

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Artigo 5º - A Bíblia é a Palavra de Deus escrita, e por ser no seu todo inspirada, todas as suas proposições são verdadeiras histórica e cientificamente, da maneira como escritas originalmente.

Parágrafo único - Para o estudioso da natureza isso significa que o relato das origens, como apresentado no livro de Gênesis, é uma exposição real de simples verdades históricas.

Artigo 6º - Todos os tipos básicos de seres vivos, inclusive o homem, foram criados por atos criativos diretos de Deus durante a Semana da Criação descrita no livro de Gênesis.

Parágrafo único - Quaisquer mudanças biológicas ocorridas desde então, somente acarretaram alterações dentro das espécies originalmente criadas.

Artigo 7º - O Dilúvio descrito no livro de Gênesis foi um fato histórico, universal em sua extensão e efeito.

Artigo 8º - A Sociedade receberá, como membros, portadores de diplomas universitários, estudantes universitários e pré-universitários, que aceitem a Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador.

Parágrafo único - O relato da criação especial de Adão e Eva como o primeiro casal de seres humanos, e a sua posterior queda, em pecado, é a base para tal fé na necessidade de um Salvador para toda a humanidade, de tal maneira que a salvação só pode ser alcançada mediante a aceitação de Jesus Cristo como nosso Salvador.

FILIAÇÃO

Artigo 9º - Todos os membros da Sociedade subscreverão os Princípios Fundamentais estabelecidos nos artigos de 5 a 8, e continuarão a ser membros enquanto aceitarem aqueles Princípios Fundamentais.

Artigo 10 - Os membros da Sociedade contribuirão para a divulgação dos seus propósitos, mediante a compra das publicações por ela efetuadas.

Artigo 11- A filiação à Sociedade será dividida em duas classes:

- a) Membros com direito a voto - limitada a portadores de diploma universitário
- b) Membros sem direito a voto - compreendendo os demais membros.

ORGANIZAÇÃO

Artigo 12 - Os componentes do Conselho Diretor da Sociedade deverão ser membros da Sociedade, com direito a voto.

Artigo 13 - O Conselho Diretor deverá ser eleito pelos membros da Sociedade com direito a voto, pelo período de três anos, com um terço dos seus componentes eleito anualmente.

Artigo 14 - A Diretoria será eleita anualmente por voto secreto, pelo Conselho Diretor, dentre os seus componentes.

Artigo 15 - Os cargos de componentes do Conselho Diretor, bem como da Diretoria, não poderão ser remunerados.

Artigo 16 - Será realizado anualmente uma reunião do Conselho Diretor, em local e época oportunamente escolhidos pelo próprio Conselho, o quorum sendo dado pela maioria absoluta dos seus componentes.

Artigo 17 - Nas reuniões do Conselho Diretor poderão ser efetuadas modificações neste Estatuto, por voto secreto e maioria de dois terços dos componentes do Conselho, desde que as propostas de modificações sejam divulgadas junto aos membros com direito a voto, com antecedência de pelo menos três meses.

Parágrafo único - Excetuam-se neste artigo, modificações nos artigos de 5 a 8, relativos aos Princípios Fundamentais, que não poderão ser feitas em nenhuma circunstância.

Artigo 18 - Tornando-se necessária ou desejável a dissolução desta Sociedade, o Conselho Diretor em exercício designará uma entidade que se interesse pela continuação das suas atividades, para ser a depositária dos seus bens eventuais, arquivos, publicações, etc.

SOLICITAÇÃO DE FILIAÇÃO À SOCIEDADE CRIACIONISTA BRASILEIRA

Nome: _____

Endereço: _____

() Portador de diploma universitário

() Estudante universitário

() Estudante pré-universitário

(Vide Estatutos atualizados e nova Ficha de Filiação no site da SCB)